

**A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE  
GEOGRAFIA A PARTIR DE CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA  
ATIVIDADE: AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA  
SOBRE SUA MOTIVAÇÃO**

Ádria Messias PEREIRA<sup>1</sup>

**RESUMO**

Apesar da obra de Vigotski ser do início do século passado, sua atualidade é inegável. Ainda hoje ela é tida como complexa e desafiadora, além de ser objeto de diferenciadas interpretações. Não temos aqui a intenção de levantar nenhuma nova interpretação da obra desse autor, sua abordagem tem como intuito a compreensão de alguns dos conceitos formulados por ele, e a reafirmação da importância de sua obra na construção e desenvolvimento da teoria da atividade. A utilização da teoria da atividade ocorre como tentativa de compreensão do complexo processo psicológico que leva o indivíduo, a partir de desejos e necessidades básicas, para a realização de ações complexas. Nesse sentido, busca-se compreender como o processo motivacional é abordado na teoria da atividade, ou seja, como os motivos dos professores de Geografia influenciam na sua prática docente.

**Palavras-chave:** Motivação/Motivo. Prática docente. Mediação.

**1. A teoria da Atividade como referencial para a análise da prática docente**

A concepção que expressa o entendimento inicial de Vigotski e dos autores que compartilhavam de suas idéias, Leontiev, Lúria, dentre outros, é designada Teoria Histórico-Cultural. Tal perspectiva enfatiza a relevância da cultura historicamente acumulada, da linguagem e da mediação simbólica.

Já a Teoria da Atividade foi desenvolvida por Luria e Leontiev, a partir de divergências teóricas com Vigotski, o que levou a um distanciamento do grupo liderado por Leontiev com as bases assentadas por Vigotski. Leontiev acentuou, nas suas pesquisas, a importância da atividade concreta dos indivíduos com o objeto, para ele a atividade prática era o mais importante.

---

<sup>1</sup> Esse texto é resultado da pesquisa de Dissertação de Mestrado (em andamento) intitulada *Ação e (des) motivação do professor de Geografia: a prática docente do professor de Geografia no ensino fundamental*, sob orientação do Profº Drº Antonio Carlos Pinheiro, no mestrado em Geografia no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – IESA/UFG, 2008. [adriamessias@yahoo.com.br](mailto:adriamessias@yahoo.com.br)

Para Leontiev, as operações mentais seriam determinadas pelas relações concretas entre a criança e a realidade, vale dizer, a familiarização prática com os objetos é que leva a criança ao seu desenvolvimento cognitivo. A relação prática com os objetos, isto é, a atividade prática, teria muito mais importância do que o modelo histórico-cultural desenvolvido por Vigotsky. Vale dizer, Leontiev acentuaria a atividade prática, Vigotsky acentuaria a cultura, a linguagem, a mediação simbólica (LIBANEO, 2004, p. 4 apud KOZULIN)

Nos últimos anos, no entanto, a terceira geração de Vigotski, tendo como principal expoente Davydov, tem feito esforços no sentido de reunir as bases teóricas de Vigotski e os estudos de Leontiev, desenvolvendo assim uma teoria Histórico-Cultural da Atividade.

O termo atividade, tal como é colocado pela teoria histórico-cultural, tem origem no materialismo histórico dialético. A atividade é relacionada à práxis, ou seja, a noção de atividade social prática (DANIELS, 2003). Portanto, o conceito de consciência é, para Vigotski (1998), um elemento essencial da Psicologia, seu surgimento está diretamente relacionado a atividade prática humana, a consciência é um dos aspectos do trabalho. Ele afirma que o fenômeno da consciência não pode ser explicado pelo conceito de consciência, assim como o comportamento também não pode ser explicado pelo conceito de comportamento, deve existir uma teoria unificada do comportamento e da mente.

Vigotski (1998) tem como tese central a idéia de que “a aprendizagem e o ensino são formas universais de desenvolvimento mental” mostrando, assim, “a relevância da escolarização para a apropriação dos conceitos científicos e para o desenvolvimento das capacidades de pensamento” (LIBANEO, 2003, p.6-7). Portanto, o ensino propicia a apropriação da cultura, o desenvolvimento do pensamento a partir da assimilação da produção cultural da humanidade.

Leontiev, por sua vez, ressalta a questão da ação humana, ele avança no conceito de atividade, de ação coletiva e de ação individual e estabelece a estrutura da atividade. Destaca que “toda ação humana está orientada para um objeto”, nesse sentido, quando o indivíduo tenta se apropriar<sup>2</sup> de um objeto através de ações, ele se aproxima das características do objeto e vai ocorrendo o “processo de internalização da atividade

---

<sup>2</sup>Para Leontiev, a apropriação “é o processo que tem por resultado a reprodução, pelo indivíduo, das capacidades e procedimentos de conduta humanas, historicamente formados” (DAVYDOV, 2000, p. 55).

externa”. O desenvolvimento do conhecimento teórico na atividade da aprendizagem, entre outras atividades, é o caminho para se alcançar o desenvolvimento do pensamento, o que ocorre através da apropriação de conteúdo. Com isso, a atividade humana apresenta uma estrutura psicológica cujos componentes são: necessidades, motivos, finalidades, condições de realização da finalidade.

[...] a atividade surge de necessidades que impulsionam motivos orientados para um objeto. O ciclo que vai de necessidades a objetos se consuma quando a necessidade é satisfeita, sendo que o objeto da necessidade ou o motivo é tanto material quanto ideal. Para que esses objetivos sejam atingidos, são requeridas ações. O objetivo precisa sempre estar de acordo com o motivo geral da atividade, mas são as condições concretas da atividade que determinarão as operações vinculadas a cada ação (LIBÂNEO, 2004, p.12).

Leontiev assinala que a atividade humana constitui-se por uma estrutura complexa, que engloba diversos componentes, os quais partem das necessidades do indivíduo originadas em suas relações sociais, impulsionando motivos que conduzem a objetivos que levam a satisfação das necessidades iniciais. O motivo aciona o sujeito para o objetivo, mas o motivo não existe sem a necessidade. Assim, toda atividade decorre de uma necessidade, o que o ser humano faz são ações que explicam a relação humana entre os objetos.

Nesse sentido, o motivo assume uma posição importante, pois coloca o objetivo como seu dependente, a atividade se condiciona à existência de um sentido, ou seja, de um motivo. Portanto, as atividades humanas são dependentes das subjetividades humanas.

A partir das bases conduzidas por Vigotski e Leontiev, Davydov avança no entendimento do desenvolvimento da mente humana, contribuindo no aprimoramento da teoria da atividade. No entanto, sua principal contribuição foi a tradução, de forma didática, das teorias formuladas pela escola de Vigotski, ou seja, a sua operacionalização.

Davydov contribui na fundamentação da estrutura da atividade ao acrescentar o desejo como componente básico de uma necessidade. Para ele é fundamental que o componente afetivo esteja integrado ao cognitivo, “Necessidades e desejos compõem a base sobre a qual as emoções funcionam [...] as emoções são inseparáveis de uma necessidade” (DAVYDOV, 1999, p.41).

A função geral das emoções é capacitar uma pessoa a pôr-se certas tarefas vitais, mas este é somente meio caminho andado. A coisa mais importante é que as emoções capacitam a pessoa a decidir, desde o início, se, de fato, existem meios físicos, espirituais e morais necessários para que ela consiga atingir seu objetivo (DAVYDOV, 1999, p.7).

Portanto, para Davydov (1999), as necessidades e emoções são fundamentais, elas são a base das atividades realizadas pelos seres humanos. As necessidades e emoções antecedem as ações discordando, assim, da posição de Leontiev de que as ações são ligadas às necessidades e aos motivos, Davydov (1999) afirma que as ações são ligadas somente com necessidades baseadas em desejos e os motivos são os impulsionadores das ações. Portanto, os motivos estão diretamente relacionados às necessidades.

Considerando a prática docente do professor de Geografia, cabe aqui algumas questões: As necessidades e emoções dos professores estão antecedendo a sua ação profissional? Suas necessidades e emoções estão sendo consideradas pelo poder público? Suas necessidades e emoções estão sendo consideradas no cotidiano escolar? Suas necessidades e emoções estão sendo consideradas pelos alunos? E pelos pais dos alunos? A resposta a estas questões pode significar um dos caminhos para a melhoria do ensino público goianiense.

O que está, comumente, posto como essencial na prática docente dos professores são suas ações, suas necessidades e emoções vêm sempre em segundo plano. É comum ouvirmos frases do tipo “o professor ganha pouco, mas cumpre seu papel social”, “a profissão de professor é antes de tudo um dom”, “ser professor é uma dádiva de Deus”, esse tipo de opinião demonstra que na profissão docente ocorre uma desvalorização dos desejos do indivíduo, o que o professor deseja fica em segundo plano. Tal realidade evidencia uma conseqüência grave, ao desconsiderar as necessidades e emoções do indivíduo, conseqüentemente, suas ações estarão prejudicadas.

O pensamento de Davydov valoriza o caráter ativo da aprendizagem e da educação escolar no desenvolvimento da habilidade do indivíduo de aprender a pensar, ou seja, a partir da atividade de ensino, realizada pelo professor, possibilitar ao aluno as condições de aprender a investigar.

Davydov enfatiza a importância da Didática como mediadora da prática docente na mediação do desenvolvimento cognitivo do aluno. A apropriação dos conhecimentos produzidos pela Didática possibilita ao professor ferramentas adequadas para realizar a mediação entre o aluno e o patrimônio cultural produzido pela humanidade.

O papel do professor, nesse sentido, é ensinar o aluno a pensar e, a partir da abstração de um conceito geral, ter a capacidade de realizar inter-relações com conhecimentos cotidianos e vice-versa. Davydov (1999) acrescenta que é por meio da mediação realizada pelo professor, tendo em vista ser sua concepção sempre influenciada por sua cultura, que ocorre uma práxis onde incorpora o método cognitivo na formação dos alunos para que se tornem sujeitos pensantes e críticos.

A Geografia Escolar avançou na compreensão do conceito de mediação de Vigotski, no que diz respeito à relação professor/aluno/conteúdo. O entendimento de mediação, alcançado pelas propostas dos autores que tratam do ensino de Geografia, como Cavalcanti, se traduz em uma relação de unidade entre os componentes do ensino, que são o objetivo, o conteúdo e o método. Daí o entendimento de que o papel do professor é de mediador entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Portanto, é através de uma direção competente, mediada por uma proposta pedagógica, que se criam as condições necessárias para estruturar melhor o conteúdo e a partir dele os métodos de ensino e de formação, possibilitando a apropriação da cultura e o conseqüente desenvolvimento cognitivo. Assim, para que a mediação do professor alcance esses objetivos é preciso considerar o desejo, a necessidade e os motivos, pois é a afetividade o ponto de partida que disponibiliza o aluno para o aprender. Isso significa dizer que o professor medeia a relação entre o ensino e o desenvolvimento das potencialidades intelectuais desde a dimensão afetiva do aluno, no intuito de alcançar as várias dimensões humanas.

## **2. A relevância da motivação do professor de Geografia na sua prática docente**

A pesquisa geográfica contemporânea<sup>3</sup> vive um intrincado movimento de tendências, o que leva a um alargamento de seus estudos e a inclusão dentro de seu saber de novos paradigmas (GONÇALVES, 2002). O que se observa é que esse cenário

---

<sup>3</sup> PINHEIRO, Antonio Carlos. *O ensino de Geografia no Brasil: catálogo de dissertações e teses (1967 – 2003)*. Goiânia: Vieira, 2005. Esse livro é uma versão revisada e atualizada de parte de sua tese de doutorado, apresenta levantamento sistemático, análise e interpretação da produção acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil.

é uma resposta ao movimento do mundo, são reflexões que o geógrafo faz do mundo. O objeto ao se apresentar conflituoso instiga a pesquisa geográfica.

Uma questão central da pesquisa geográfica contemporânea é a crescente importância que está sendo dada à subjetividade. A subjetividade tornou-se algo essencial, existe a necessidade de se considerar o indivíduo, suas opiniões, sua vivência, suas emoções, sua história de vida, os lugares com os quais estabelece relações. Ideários que entram na Geografia e vão se constituindo como novas possibilidades dentro da pesquisa geográfica.

Uma pesquisa sobre os motivos que permeiam a prática docente do Professor de Geografia visa, primordialmente, buscar possibilidades e entendimentos que contribuam para a transformação da realidade. Nesse sentido, a valorização do subjetivo torna-se indispensável. Ao tratar da teoria histórico-cultural da atividade desenvolvimental de Davydov, Libâneo (2004) salienta que:

[...] por detrás das ações humanas estão as necessidades e emoções humanas, antecedendo a ação, as relações com os outros, as linguagens. Isso significa que as ações humanas estão impregnadas de sentidos subjetivos, projetando-se em várias esferas da vida dos sujeitos, obviamente também na atividade dos alunos, na compreensão das disciplinas escolares, no envolvimento com o assunto estudado. (LIBÂNEO, 2004, p.27)

A subjetividade tem a ver com nossas necessidades, desejos e motivos, que vêm da nossa cultura intersubjetiva. Visto que o objetivo da escola é a aprendizagem escolar como fator promovedor do desenvolvimento mental, a interação entre os pares, a conscientização social, a possibilidade de transformação da realidade, entre outros, o que está em questão é compreender como o Professor de Geografia concebe que estão se dando essas relações dentro do ambiente escolar, ou seja, entender quais são suas perspectivas e vontades diante do que está posto. Gonzáles Rey, afirma que:

Ao outorgar à emoção um status similar ao da cognição, na constituição dos diferentes processos e formas de organização da psique, Vygotsky está sugerindo a independência das emoções, em sua origem, dos processos cognitivos, e integrando as emoções dentro de uma visão complexa da psique que representa um importante antecedente para a construção teórica do tema da subjetividade (GONZÁLEZ REY, apud LIBÂNEO 2004, p.14).

Tal afirmativa demonstra a relevância do trabalho de Vigotski diante da temática aqui tratada. Vigotski alça a emoção a uma posição que até então lhe era negada, ele a “igualar” a capacidade cognitiva dos indivíduos. Assim, as possibilidades oferecidas pela

valorização das emoções conduzem a um leque de probabilidades diante da prática docente do professor de Geografia, não só no que refere as emoções dos alunos, mas principalmente no que se refere as suas próprias emoções.

Deste modo, a proposta deste trabalho gira em torno da compreensão da subjetividade dos Professores de Geografia. Analisar as suas emoções a partir da sua própria concepção. São os próprios professores que irão dizer como concebem a motivação e como se dá a motivação durante sua prática pedagógica, possibilitando, portanto, analisar em que medida suas escolhas e atitudes interferem no processo de ensino-aprendizagem.

### **3. As concepções dos professores de Geografia sobre sua motivação na prática docente**

O objetivo principal deste trabalho é compreender a concepção que os professores de Geografia das Escolas Municipais da região sul de Goiânia têm sobre motivação, nesse sentido, o passo inicial para a compreensão dos motivos dos professores goianienses em sua prática docente é o levantamento de suas próprias concepções sobre o conceito de motivação.

Na tentativa de alcançar respostas para as indagações quanto ao que os professores de Geografia pensam sobre a motivação, foram aplicados questionários exploratórios em todas as escolas municipais da região sul de Goiânia (14 escolas) que possuíam professores com formação em Geografia, portanto, 16 professores de Geografia responderam aos questionários<sup>4</sup>.

#### **3.1. Professor que se considera um profissional motivado**

Você se considera um professor (a) motivado? Essa foi a pergunta feita aos professores de Geografia, com formação em Geografia, das escolas municipais da região sul de Goiânia. Tal questionamento foi feito com o intuito de descobrir realmente

---

<sup>4</sup> Esses são dados obtidos com os professores de Geografia das Escolas Municipais da Região Sul de Goiânia, no período letivo de 2007.

se aquele profissional, apesar de todos os problemas que estão postos na realidade escolar, ainda se considerava motivado para o processo de ensino aprendizagem.

Quantitativamente podemos dizer que a grande maioria dos professores questionados se consideram motivados ou passam por momentos de motivação e por momentos de desmotivação. Dos 16 (dezesesseis) professores participantes da pesquisa 9 (nove) se consideram profissionais motivados, 6 (seis) professores relacionam sua motivação com momentos específicos da prática docente e apenas 1 (um) professor não se considera motivado, diz já ter sido, mas que atualmente não se considera.

Esse resultado demonstra que o professor, de uma forma geral, vai para o mercado de trabalho motivado, e com a expectativa de contribuir com mudanças positivas no cenário educacional. Podemos concluir com essas respostas que mesmo o professor que não se considera mais motivado já se considerou um dia, provavelmente, no período inicial de sua carreira, e podemos compreender também que mesmo com a existência de empecilhos há motivação desses professores de Geografia, os que não se consideram profissionais totalmente motivados possuem momentos importantes, nos quais a motivação possibilita atitudes reais de mudanças.

Tal afirmativa se torna visível ao examinarmos respostas como estas:

“Ora sim, ora não. Faço um bom trabalho na escola, mas quando sai o pagamento: fico em baixo astral, desmorono por alguns dias e levanto a cabeça, começo tudo de novo...”.

“Às vezes. Carga horária de trabalho grande, a turma não se mostra interessada em ouvir, escrever, falar sobre o conteúdo, na maioria das vezes, não existe acompanhamento em casa, por parte dos pais”.

As respostas explicitadas acima demonstram algumas problemáticas essenciais para a educação formal, primeiramente a questão salarial que é sabidamente uma questão política, que envolve uma série de questões, mas principalmente a desvalorização dessa categoria profissional por parte do poder público, existe um discurso de importância da escolarização, no entanto, as condições de trabalho do professorado não são realmente objeto de atenção. Essa problemática talvez seja a desencadeadora das demais, visto que a satisfação das necessidades básicas do indivíduo são imprescindíveis para seu bom desempenho. Um profissional que não ganha o suficiente para possibilitar a sua família boas condições de vida, provavelmente, vai ter mais dificuldade em se manter motivado.

Outra problemática considerada desmotivadora pelos professores é a pouca participação dos pais dos alunos nas suas vidas acadêmicas. Esse é um ponto muito levantado pelos professores nos diversos momentos da pesquisa, existe um consenso em relação a essa questão, para os professores ela desencadeia diversos problemas, dentre eles o desinteresse do aluno e a dificuldade em aprender. Na maioria dos casos os pais deixam exclusivamente por conta da escola a educação dos filhos, o que para os professores se torna impossível de acontecer, segundo eles, sem a colaboração dos pais o processo de ensino-aprendizagem fica profundamente dificultado.

Os professores também consideram como fator desmotivador a excessiva carga horária de trabalho. Para eles, esse fator coíbe uma característica essencial do bom professor que é a preparação das aulas. São tantas aulas, tantas turmas, tantos alunos, que o professor não tem tempo para planejar suas atividades pensando nos sujeitos do processo, mas sim no todo, o que o leva a realizar uma prática docente “mecânica”, ou seja, que desconsidera as subjetividades e emoções dos indivíduos.

As afirmativas anteriores não podem ser generalizadas para todos os professores de Geografia, muito pelo contrário, existem posições que discordam que as problemáticas levantadas sejam fatores que levam à desmotivação. Para muitos professores são problemas reais que interferem no seu desempenho docente, mas que não afetam os motivos do professor, por isso se consideram atores ativos e motivados do processo de ensino-aprendizagem, como podemos confirmar com as respostas a seguir.

“Sim, escolhi a profissão dos meus ideais, tanto é que estou com anos acumulados sem pedir aposentadoria”.

“Sim. A cada dia que entro em uma sala de aula me sinto motivado a estimular meus alunos a aprender mais”.

“Sim, pois sinto prazer no que faço, apesar das agruras da profissão”.

“Sim. Se o professor não estiver motivado, também não pode buscar ou exigir motivação no aluno”.

“Sim, isto é, procuro fazer o possível para ser, mesmo diante de tantas situações que contrariam a motivação”.

A posição diante desta reflexão não consiste em desconsiderar os problemas existentes na educação formal e, especificamente, na educação que ocorre nas escolas municipais da cidade de Goiânia. Muito pelo contrário, concorda-se com os professores quanto a suas reclamações, e acredita-se que a classe de professores precisa se organizar

ainda mais e lutar por seus direitos junto ao poder público, e que cabe à Universidade colaborar e munir esses professores de instrumentos potencializadores para esse debate. No entanto, o que propõe-se através desse trabalho não é tentar resolver as problemáticas que desmotivam os professores, mas sim detectá-las e demonstrar caminhos e possibilidades metodológicas diante desse cenário, ou seja, o que fazer para que o processo de ensino-aprendizagem seja mais significativo hoje, diante do que está posto para a educação formal goianiense.

Pretende-se, assim, mostrar a realidade da prática docente do professor de Geografia das escolas municipais da região sul de Goiânia, os problemas existentes, e demonstrar que existem professores que conseguem, de alguma forma, suplantar essa realidade e desempenhar seu papel de mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento, ou seja, possibilitar um processo significativo para o aluno e para si mesmo.

### **3.2. Professor que considera importante a motivação do aluno**

Você considera que o interesse do aluno em aprender deve ser fator de preocupação do professor? Diante desta questão as respostas dos professores foram unânimes, todos concordam que o interesse do aluno é importante, no entanto, apenas alguns fizeram referência à importância do professor estar atento ao interesse do aluno. Quantitativamente dos 16 (dezesseis) professores de Geografia questionados, a metade, ou seja, 8 (oito) se referiram apenas à importância do aluno ser interessado, e a outra metade se referiu à importância do professor estar preocupado com o interesse do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Dentre as respostas que se referem apenas à importância do interesse do aluno, consideramos que suscitam 3 (três) pontos relevantes. Um grupo de respostas levanta a relação entre o interesse do aluno e a motivação do professor.

“Muito importante o interesse do aluno em aprender, pois isso pode motivar ou não o professor”.

“Sim, o interesse do aluno é fundamental para que o professor faça um bom trabalho”.

Assim, a motivação do professor está diretamente relacionada à atitude do aluno, portanto se o aluno não está atento à aula, se ele não é participativo, se suas atitudes são “negativas”, na concepção do professor a motivação na prática docente fica prejudicada.

Outro ponto levantado é que o interesse deve ser intrínseco ao aluno, ele deve estar nele, deste modo não é papel do professor torná-lo interessado, mas sim incentivá-lo a manter o interesse.

“Se o aluno tem interesse, o prof<sup>o</sup> deve incentivá-lo a ir sempre mais além no conhecimento cultural e científico”.

Essa perspectiva também demonstra a concepção de professores de Geografia sobre a motivação, pois ela é contraditória ao mesmo tempo em que a motivação é considerada algo individual e que não é papel do professor motivar os alunos, a segunda parte da resposta nos leva a indagar tal perspectiva, tendo em vista que é colocado como responsabilidade do professor incentivar os alunos a “irem mais além”, nesse sentido, acreditamos que mesmo considerando a motivação um fator intrínseco é considerado importante que o professor reforce positivamente a motivação do aluno.

O terceiro ponto levantado refere-se exclusivamente a está resposta:

“Sim em parte, pois ajuda no objetivo final”.

Qual seria o intuito da resposta “sim em parte”? Compreendemos que nessa perspectiva se considera que o interesse do aluno não é importante em todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem. Tal compreensão nos levaria a outra concepção sobre a motivação, que ela é importante, mas que é possível ocorrer o processo de ensino-aprendizagem sem ela. Surge então um questionamento de nossa parte, como se daria esse processo sem a motivação? E principalmente, quais seriam os resultados obtidos pelo professor?

Não temos respostas a esses questionamentos, e tão pouco estamos afirmando que não seja possível que o processo de ensino-aprendizagem ocorra sem a motivação. Estamos apenas tentando levantar pontos para a discussão dessa questão, pois é a partir de indagações sobre a forma como se dá esse processo que poderemos chegar a avanços.

Quanto às respostas que fizeram referência à importância do professor estar atento ao interesse do aluno temos aquelas que relacionam o interesse do aluno à possibilidade de aprendizagem.

“Sim, até porque esse é o verdadeiro papel do professor, se o aluno não vê significado na aprendizagem, ela não se efetiva”.

Ao contrário do que observamos na perspectiva citada anteriormente, esses professores consideram que é papel do professor motivar seus alunos, e que é a partir dessa motivação que o aluno conseguirá ver a importância da aprendizagem, ou seja, dar significado ao processo de ensino-aprendizagem.

Outra questão levantada pelos professores é a questão da formação acadêmica.

“Sim, e acho que os cursos de formação para professores deveriam ser reformulados, dando mais subsídios aos futuros professores nesta área”.

Essa concepção levanta outro ponto relevante que é a deficiência na formação dos professores quanto à questão emocional. Na universidade aprende-se muitas coisas, mas não se aprende como lidar com as emoções no ambiente escolar, será que seria importante aprender como motivar os alunos? Sabemos que essas questões são levantadas, mesmo que implicitamente, no entanto, segundo a concepção dos próprios professores, essa abordagem não é suficiente, então o que fazer para mudar essa realidade?

Os professores também nos dão concepções totalmente favoráveis à motivação, como podemos perceber com essa resposta:

“Sim, na escola, a motivação deve estar na avaliação como um determinante na aprendizagem do educando. Um aluno motivado torna-se ativo no processo de aprendizagem, persistindo em atividades desafiadoras, usando ou criando novas estratégias, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de análise crítico-reflexiva. Os sujeitos envolvidos no processo educacional podem apresentar ou trabalhar com estratégias promotoras de motivação intrínseca e extrínseca em situações de aprendizagem escolar, oferecendo uma riqueza de possibilidades para o processo didático-pedagógico”.

A fala acima coloca várias possibilidades de compreensão, inicialmente leva o leitor novamente à concepção de que a motivação está relacionada à aprendizagem do

aluno. Por conseguinte, levanta as diversas possibilidades dadas ao aluno no processo de ensino-aprendizagem, a partir da motivação, dentre elas se tornar um sujeito ativo do processo, ser corajoso, ser criativo, desenvolver a criticidade e a reflexão e, além disso, sucinta a relevância da motivação interna (própria do indivíduo) e da motivação externa (beneficiada pela participação de indivíduos mais capacitados), e a importância do professor de Geografia considerar os processos didático-pedagógicos na sua prática docente.

No entanto, o ponto mais relevante dessa resposta é essa concepção de motivação dada.

“Os sujeitos envolvidos no processo educacional podem apresentar ou trabalhar com estratégias promotoras de motivação intrínseca e extrínseca em situações de aprendizagem escolar, oferecendo uma riqueza de possibilidades para o processo didático-pedagógico”.

Na concepção dessa professora, a motivação pode ocorrer tanto pelo próprio indivíduo quanto pela colaboração do professor, ou seja, o aluno pode se sentir motivado por conta própria, seja por um grande interesse em aprender, seja pela contribuição familiar, independentemente do motivo o aluno já chega ao ambiente escolar se sentindo motivado. E também pode ocorrer o contrário, o aluno pode chegar desmotivado, e as atitudes do professor, ou mesmo dos demais componentes do ambiente escolar, ser um fator motivador e, nesse sentido, o professor poderia ser um desencadeador do interesse do aluno, e estaria contribuindo também com sua própria motivação.

Portanto, nessa concepção a motivação é beneficiada tanto pelos fatores internos quanto pelos fatores externos, são os variados momentos do processo de ensino-aprendizagem que determinam quando o professor deve considerar um ou outro.

### **3.3. A análise do conceito de motivação dado pelo professor**

Para você, o que é Motivação? O leitor deve estar pensando que essa é a questão que responderá quais as concepções dos professores de Geografia sobre a motivação. Realmente, quando elaboramos o questionário esse era o intuito, no entanto, com o desenrolar da pesquisa percebemos algo interessante, quando a pergunta é muito direta

sobre essa temática não conseguimos tantos argumentos como quando ela é feita de forma indireta. Percebemos então que as demais perguntas do questionário, às vezes, até de uma forma surpreendente, levantaram diversas concepções.

Não se tem a intenção de dizer com isso que as respostas a esta pergunta não são significativas, muito pelo contrário, elas levam a uma possibilidade diferenciada das demais. As respostas dadas pelos professores a esta pergunta se referem basicamente a 3 (três) posicionamentos. Um primeiro posicionamento relaciona o conceito de motivação com a vida, retira do espaço específico da escola e leva para um âmbito mais geral como podemos perceber a partir dessa resposta.

“É despertar no aluno o interesse pela transformação do espaço que ele está inserido”.

O segundo posicionamento dos professores relaciona o conceito de motivação ao processo de ensino-aprendizagem do aluno.

“Motivação é expectativa que criamos durante o processo de ensino-aprendizagem”.

“Motivação é tudo o que leva o aluno a querer apreender um conteúdo. Ex.: um mapa, uma reportagem, tudo o que se refere à vida do aluno, o seu dia-a-dia”.

As respostas apresentadas demonstram que, na concepção desses professores, motivação está relacionada com a aprendizagem do aluno.

E como último posicionamento temos aqueles professores que consideram a motivação a partir deles próprios, ou seja, seu conceito de motivação leva em consideração seus sentimentos e ações.

“É o fato de uma pessoa se sentir estimulada a realizar uma tarefa, uma ação”.

“Seria dentro da rede que trabalho, independente de ser pública ou privada, perceber que sou valorizada, sou reconhecida, que tenho apoio para desenvolver da melhor maneira possível o meu trabalho”.

Esses pontos de vista demonstram que os professores concebem como motivação tudo aquilo que interfere positivamente na sua prática docente e que, de uma forma geral, serve como estímulo para sua atuação profissional.

Quantitativamente percebe-se que dos 16 (dezesesseis) professores questionados 3 (três) deram respostas condizentes com o primeiro posicionamento, 4 (quatro)

assumiram o segundo posicionamento e a maioria, 9 (nove) professores, deram suas concepções a partir do terceiro posicionamento.

Foi apresentada, também, uma resposta mais ampla que, como é observado, vai além do que foi perguntado para o professor.

“Se diminui o interesse, a curiosidade e os desafios não há motivação para aprender, logo as dificuldades no ensino e na aprendizagem aumentam. A motivação é um dos elementos-chave no processo educacional. Com motivação, há ação e participação nas atividades escolares. Motivação também perpassa pelo aspecto afetivo entre professor e aluno, através da postura do professor em implementar práticas que estimulem o desafio, a curiosidade na escola”.

Demonstrando acima de tudo uma defesa da importância de se preocupar com a temática da motivação dentro do ambiente escolar, tanto no que se refere à motivação do aluno, quanto à motivação do professor, e nesse sentido a valorização de uma prática docente na qual a motivação esteja presente.

#### **4. Considerações Finais**

Com o intuito de uma melhor compreensão das atividades que perpassam a prática docente do Professor de Geografia, são abordados assuntos que possibilitam algumas reflexões importantes ao Professor de Geografia diante de sua realidade no ambiente escolar e, portanto, permitem a ele possibilidades de respostas às suas indagações diante da realidade escolar e caminhos diante do atual cenário da escola, da direção da escola, das aulas, dos alunos, dos pais dos alunos, dos colegas de trabalho, enfim, caminhos que ajudem os Professores de Geografia a se motivarem, a continuarem motivados, a ajudar os alunos a se motivarem, ou seja, tornar o processo de ensino-aprendizagem mais interessante, mais criativo, portanto, mais motivador.

Como se pôde perceber, a partir da análise das respostas dadas pelos professores em relação ao conceito de motivação, apesar da maioria dos professores não ter um conceito formado sobre motivação, mesmo porque esse não é um objeto de estudo do professor de Geografia, as questões tratam, mesmo que indiretamente, dessa concepção, buscando nas entrelinhas as definições dos professores.

Portanto, a partir das respostas dadas pelos 16 (dezesesseis) professores com formação em Geografia da rede municipal de ensino de Goiânia conclui-se que o papel

do professor é essencial na busca de uma educação plena. Compreender como se dá sua atuação e os motivos que estão presentes na sua prática docente possibilita caminhos para a construção de um ensino municipal goianiense mais significativo.

O levantamento e compreensão das concepções dos professores sobre a motivação encaminham para a consideração de assuntos relevantes da realidade educacional. Portanto, é necessário para que haja uma melhor compreensão das subjetividades dos professores ao tratar de assuntos que estão presentes no seu cotidiano, na sua prática. Essa abordagem tem como intuito levantar possibilidades e caminhos para que os professores de Geografia desenvolvam atividades mais significativas e motivadoras tanto para os alunos quanto para si próprios.

## ABSTRACT

Although the workmanship of Vigotski to be of the beginning of the passed century, its present time is undeniable. Still today it is had as complex and challenging, beyond being object of differentiated interpretations. We do not have the intention of raising no new interpretation of the workmanship of this author here, its boarding has as intention the understanding of some of the concepts formulated for it, and the reaffirmation of the importance of its workmanship in the construction and development of the theory of the activity. The use of the theory of the activity occurs as attempt of understanding of the complex psychological process that takes the individual, from desires and basic necessities, for the accomplishment of complex actions. In this direction, one searches to understand as the motivacional process is boarded in the theory of the activity, that is, as the reasons of the professors of Geography influence in its practical professor.

**Keywords:** Motivation/Reason - Practical professor - Mediation.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DANIES, Harry. *Vygotsky e a Pedagogia*. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2003.
- DAVYDOV, Vasili V. El aporte de A . N. Leontiev al desarrollo de la psicología. In: GOLDER, Mário. *Angustia por la utopia*. Buenos Aires, Ateneo vigotskiano de la Argentina, 2000.
- DAVYDOV, V.V. Uma nova abordagem para a investigação da estrutura e do conteúdo da atividade. In: Hedegard, Mariane e Jensen Uffe Jull. *Activity theory and social practice: cultural-historical approaches*. Aarhus (Dinamarca), Aarhus University Press, 1999.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A invenção de novas geografias. *Território Territórios/AGB*. Niterói: 2002.
- LIBÂNEO, José C. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de V. Davydov. *Revista Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, Set./Dez. 2004, no.27, p.5-24. ISSN 1413-2478.
- LIBÂNEO, José Carlos. A Didática e a Aprendizagem do Pensar e do Aprender: Davydov e a teoria histórico-cultural da atividade. *Reunião Anual da ANPED*, 2003.
- PINHEIRO, Antonio Carlos. *O ensino de Geografia no Brasil: catálogo de dissertações e teses (1967 – 2003)*. Goiânia: Vieira, 2005.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Organizadores COLE Michael et al, Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

